

O PÚBLICO INFANTO-JUVENIL NA ERA DAS MÍDIAS DIGITAIS E SUA RELAÇÃO COM A LEITURA LITERÁRIA

Francisca Rodrigues Lopes,¹
Liliane Rodrigues de Almeida Menezes²
Elizangela Silva de Sousa Moura³

RESUMO

Este artigo discute a relação do público infanto-juvenil com a leitura literária na era das mídias digitais, tendo como objetivo compreender o estabelecimento de um diálogo com as mídias digitais e a formação do leitor, ou seja, como fazer uso dos suportes tecnológicos com os quais os alunos do ensino fundamental estão habituados, transformando-os em gatilho motivador que potencialize o desenvolvimento de habilidades leitoras. As discussões aqui levantadas apontaram para a necessidade de a escola promover situações didáticas com vistas a dinamizar o espaço da leitura em tempo de cultura digital. Verificou-se, também, que as mídias digitais podem ser aliadas à literatura na formação de novos modelos de leitores.

Palavras-chave: Mídia, Educação, Leitura e Leitura Literária.

THE INFANT JUVENILE PUBLIC IN THE AGE OF DIGITAL MEDIA AND ITS RELATIONSHIP WITH LITERARY READING

ABSTRACT

This article presents a relation of the children's audience with a literary reading in the age of the digital media, with the objective of establishing a dialogue with the digital bases and the formation of the reader, that is, how to make use of the technological supports that the students have become accustomed to in order that such supports become motivators that enhance the development of reading skills. The discussions were raised, aimed at creating a space for the study of digital culture. It was also verified that digital media can be allied to literature in the formation of new models of readers.

Keywords: Media, Education, Reading and Literary Reading.

Recebido em 01 de janeiro de 2019. Aprovado em 27 de fevereiro de 2019.

¹ Doutora em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Católica de São Paulo. Professora do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Tocantins – Campus de Tocantinópolis. Líder do Grupo de pesquisa Núcleo de Estudos sobre Infância e Linguagem (NEIL). E-mail: france@mail.uft.edu.br.

² Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação pela Universidade Federal do Tocantins (UFT). E-mail: rodriguesliliane926@gmail.com.

³ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação pela Universidade Federal do Tocantins (UFT). E-mail: mouraealy@gmail.com.

INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, o desenvolvimento tecnológico tem provocado mudanças significativas em todos os segmentos culturais e sociais, causando a urgente necessidade de a escola inovar suas práticas pedagógicas com a finalidade de ofertar um ensino desafiador, significativo, interativo e lúdico, sobretudo no que se refere à função de formação de leitores: leitores das literaturas culturalmente acumuladas e leitores críticos da realidade.

Embora já sejam percebidas mudanças significativas nos modos de acolhimento aos alunos e no tratamento dado aos conteúdos de ensino, a verdade é que a escola precisa preparar-se mais para receber o público infanto-juvenil da era tecnológica informacional, que já chega à sala de aula com um repertório midiático, inserido em um mundo globalizado, consumindo e produzindo uma cultura nova. Tudo isso exige da escola capacidade para realizar a ligação com as novas mídias e a leitura de livros literários.

Na realidade da cultura virtual moderna, o papel dos educadores deve ser o de realizar um trabalho pedagógico, em sala de aula, que contextualize as histórias dos livros e mostre aos alunos seu verdadeiro valor, porém aliando as possibilidades da leitura e criação de textos, a partir de todo suporte disponível pelas tecnologias digitais. A necessidade de inserir as crianças e jovens de agora no mundo da leitura literária se apresenta como uma problemática que precisa ser investigada. É preciso esclarecer que tipo de leitura as crianças e jovens da era das mídias digitais vêm fazendo e o que fazer para despertar nelas mais interesse pela leitura de livros literários.

Acredita-se que as crianças leem através da utilização de dispositivos midiáticos, e é provável que tais leituras não sejam de cunho pedagógico ou literário. Com esta hipótese, procura-se refletir sobre a formação do leitor literário, a partir do advento das mídias digitais e do desafio da escola para formar alunos leitores em tempos de cultura digital. Considerando-se que a escola não pode mais ficar alheia ao mundo interativo das tecnologias, vez que as mesmas encantam crianças e jovens e desafiam, não só os professores, como todo o pessoal da escola, envolvido no processo educativo a um constante (re) planejamento didático.

Para o educador resta entender que, para Lopes (2018) a criança se identifica, desde cedo, com os elementos da cultura, não só como reflexo das crenças e valores veiculados na sociedade e que insistentemente tentam incutir nela, a partir da educação, em seu sentido mais amplo, mas porque ela, cada vez mais cedo, vem se inserindo em um sistema de valores que pode produzir e ou se modificar de acordo com sua vontade, que é um viés da indústria cultural, que na contemporaneidade tem se voltado cada vez mais para o universo infantil.

Sobre este aspecto, para construir o debate que a se deseja fazer, buscou-se subsídios teóricos em diversos autores que vêm discutindo o papel das tecnologias informacionais na educação formal. Moran adverte que: “As tecnologias podem trazer, hoje, dados, imagens, resumos de forma rápida e atraente. O papel do professor – o papel principal – é ajudar os alunos a interpretar, a relacioná-los, a contextualizá-los”. (Moran, 2000, p. 29 e 30).

É notável como vários aspectos do fazer pedagógico vêm sofrendo mudanças e, talvez, dentre eles, o que tenha sofrido maior impacto, pela popularização das tecnologias digitais, tenha sido a respeito da relação do aluno com a leitura de livros de literaturas e clássicos. Uma vez que os alunos de hoje têm acesso a informação em tempo real de forma interativa em seus dispositivos digitais móveis (*smartphones*, *tablets*, *ultrabook* e *notebook*). Através dos aparelhos, na rede, pode-se encontrar de tudo, porém, dificilmente o aluno se deterá diante de seu aparelho lendo um livro de literatura clássica.

A partir de diversas leituras e observações realizadas em crianças e adolescentes em contexto escolar, propôs-se, neste artigo, uma reflexão sobre as mídias digitais e a formação do leitor literário. Ou seja, como fazer uso dos suportes tecnológicos com os quais os alunos do ensino fundamental estão tão familiarizados, transformando-os em gatilho motivador que potencialize o desenvolvimento de habilidades leitoras. Assim, iniciar-se-á com uma abordagem sobre leitura e leitura literária na era digital, em seguida uma reflexão sobre a formação do leitor literário em tempo de cultura digital, novos leitores e novos modos de ler, letramento digital e, por fim, serão feitas as considerações.

Leitura e Leitura Literária na Era Digital

A leitura é muito importante para a formação, estimula a curiosidade, desperta o poder da imaginação, transforma e amplia ideias e pressupõe o exercício da liberdade. No entanto, com a revolução tecnológica é preciso ajustar-se para as novas práticas pedagógicas, pois o ciberespaço oferece outras possibilidades de interação dos leitores com as literaturas, a exemplo: *fanfics*, *blogs*, *e-books*, *ciberficção*, dentre outras possibilidades.

É interessante que os educadores façam uma constante avaliação de seu fazer pedagógico, já que não se entende mais o educador de hoje como o único provedor de saberes ou mediador entre o estudante e os saberes acumulados; também a escola já não é vista como o único espaço de elaboração do conhecimento. Portanto, é necessário estabelecer diálogo permanente sobre como deve ser trabalhada a literatura em tempo de cultura digital, haja vista ser atualmente inconcebível a ideia de uma educação que se processe de forma desconectada com o cenário digital e midiático.

Ao observar a realidade, logo se percebe que a prática pedagógica com relação à leitura literária é frustrante, vez que a mesma, na grande maioria das vezes, está presa à realização de atividades enfadonhas e repetitivas. O que se encontra são metodologias utilizadas ainda em nossa época de escolarização, tais como: ler o livro para fazer resumos, ou preencher fichas de leituras, com o objetivo final sendo a realização de exames ou avaliação. Onde fica, aí, o poder de criar, interagir, interferir?

A escola está vivendo novos tempos, então por que não mediar o estudo literário com as novas tecnologias? É preciso superar o processo exclusivo de escolarização da literatura, é preciso valorizar o leitor atual, vez que este é um leitor dinâmico e acostumado a realizar leituras no ciberespaço, lugar em que não é concebido mais o uso de manuais didáticos com situações didáticas prontas e com pouca ou nenhuma possibilidade de criação, causando no aluno uma ideia ou até crença de que textos literários são chatos e complexos.

Essa prática é totalmente desconectada da realidade das crianças e jovens na escola, estes querem e pedem por muito mais. É preciso indicar, sim, leituras, mas é preciso também deixar que os estudantes escolham e selecionem suas leituras, levando em consideração que os mesmos realizam diversas leituras fora do contexto escolar e de maneira constante nos espaços virtuais.

Imersos nessa realidade que exige um leitor ativo e dinâmico, os professores devem atuar na mesma direção, despertando o gosto e o prazer da literatura tendo como ponto de partida a concepção de que a literatura é de grande relevância para a formação integral do indivíduo, pois, de acordo com Cosson (2014, p. 120), “ser leitor de literatura na escola é mais do que fruir um livro de ficção ou se deliciar com as palavras exatas da poesia, é também posicionar-se diante da obra literária, identificando e questionando protocolos de leitura, afirmando ou retificando valores culturais, elaborando e expandindo sentidos”.

Desta forma, a leitura literária realizada também através das mídias digitais tem muito a contribuir para a formação do leitor literário, pois a literatura gerada por computador (ciberliteratura) oferece importantes ferramentas para o estudo da literatura e inúmeras possibilidades de aprendizado. Assim, é urgente que os educadores repensem suas abordagens didáticas aplicadas em sala de aula com relação ao ensino da leitura e da literatura: não se admite no contexto atual, com nossos alunos inseridos na cultura digital, que o professor assuma um roteiro tradicional de ensino, que consiste em abrir o livro, ler o texto, responder o questionário, fazer exercícios ou fazer redação a partir do texto.

Notadamente, o uso da tecnologia na educação é importante ao apoio pedagógico, pela possibilidade de contribuir para o desenvolvimento de um novo espaço de informação e de conhecimento, além de promover a inclusão do aprendiz na cibercultura, desenvolvendo nas crianças novas competências, formas de pensar e de se comportar diante da realidade de mundo que as cerca. Segundo Kellner (2001, p. 10), “ela molda a vida diária, influenciando o modo como as pessoas pensam e se comportam, como se veem e veem os outros e como constrói sua própria identidade”.

Para as crianças e jovens da era das mídias digitais, que estão se tornando cada vez mais atreladas ao uso dos aparelhos midiáticos, a utilização do espaço virtual certamente propiciará um leque de oportunidades textuais e divulgação de textos literários, de modo que os alunos poderão interagir com um universo de leituras, imagens, sons, dentre outros. Manovich (2001) afirma que

a cultura com a qual o sujeito contemporâneo se relaciona é cada vez mais uma “cultura codificada na forma digital”. Isso significa que o modo como nos relacionamos com as informações que consumimos hoje está marcado pelo modo como funcionam as tecnologias e as mídias digitais, o que modifica várias de nossas práticas anteriormente vinculadas às mídias analógicas, inclusive a prática de escrever e ler obras literárias. (Manovich, 2001, p. 70).

Logo, a escola deve acompanhar essas mudanças, pois a leitura literária realizada através das mídias digitais auxilia e diversifica novas formas de ler, trazendo possibilidades de leituras que misturam escrita, imagens, movimentos e possibilidades de interação. É interessante destacar que a leitura do livro impresso ainda continua importante, pois a mesma oportuniza outras possibilidades de aprendizagem, porém as leituras através das novas mídias proporcionam prazeres diferentes.

Debus e Silva (2016) relembram que para Tettenmaier (2009, p. 78), “a literatura não está unicamente nos livros, mas se encontra nas telas dos computadores à disposição desses leitores multimídias, desses (hiper) leitores”. As autoras continuam alertando que, para que seu ensino seja desafiador, a escola e os/as educadores/as têm de estar preparados para atender esse/a novo/a estudante que convive com tecnologias digitais cada vez mais avançadas, ou seja, os chamados “nativos digitais”, que são caracterizados por terem nascido e crescido com as TDICs. Relembram que o termo foi cunhado pelo educador e pesquisador Marc Prensky, através do qual evidencia-se que “nossos estudantes de hoje são todos ‘falantes nativos’ da linguagem digital dos computadores, vídeo *games* e internet” (Debus e Silva, 2016, p. 164).

Assim, o uso das mídias digitais na escola como incentivo à leitura literária é de extrema importância para apresentar de forma inovadora um universo cheio de possibilidades, cabendo ao professor buscar novas metodologias de ensino aliadas às ferramentas tecnológicas e possibilidades literárias, ultrapassando, assim, a formação de leitor reproduzidor, para alcançar a formação de leitores proficientes.

Em uma sociedade marcada pelos avanços tecnológicos, pensar a educação sem a incorporação de tecnologias digitais parece inviável, pois é no ciberespaço que a leitura literária conquistou um espaço muito importante, como: bibliotecas virtuais, *sites*, *blogs*, *fanfics*, *e-books* e outros, surgindo assim uma maior interatividade por parte do leitor para escolher textos e gêneros literários.

Essa geração de jovens e adolescentes, incluindo crianças em tenra idade, cria comunidades virtuais, desenvolvem softwares, fazem amigos virtuais, vivem novos relacionamentos, simulam novas experiências e identidades, encurtam as distâncias e os limites do tempo e do espaço e inventam novos sons, imagens e textos eletrônicos. Enfim, vivem a cibercultura (Ferreira; Lima; Pretto, 2005, p. 247).

Nesse sentido, a cibercultura se desenvolve a partir das relações das crianças com as mídias digitais, pois elas interagem compartilhando conhecimentos, atitudes e práticas sociais. Ao serem estimuladas pela cibercultura, elas poderão consolidar a leitura literária como atividade prazerosa, de forma interativa e lúdica, pois a literatura gerada por computador (ciberliteratura) certamente propiciará inúmeras possibilidades de aprendizado, permitindo à criança e ao jovem interagir com signos diversos.

Letramento Digital

Para Soares (2014, p. 18), “letramento é o resultado da ação de ensinar ou de aprender a ler e escrever: o estado ou a condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita”. Pode-se então dizer que letramento indica uma condição de alguém que sabe ler e escrever e faz uso competente da leitura e da escrita.

Para Kleiman (1995, p. 19), “o conceito de letramento é um conjunto de práticas sociais que faz uso da escrita”. Sendo um conjunto de práticas sociais, pressupõe que letramento é uma palavra que pode ser escrita no plural, ou seja, existem vários letramentos, que é o caso da teoria dos novos letramentos, para a qual o indivíduo possa se posicionar reflexivamente diante dos textos – como já era proposto pelos letramentos:

E, sobretudo, tem de lidar com os multiletramentos exigidos pelas mudanças sociais, lendo, ouvindo, assistindo e produzindo textos que empregam meios semióticos distintos, considerando concomitantemente os propósitos envolvidos nesse processo de produção como valores políticos, econômicos, morais, etc., em situações socioculturais diversas (Anstey; Bull, 2006 *apud* Orlando; Ferreira, 2013, p. 415).

Nessa perspectiva, torna-se necessário garantir a aprendizagem de um modo plural, colocando em prática as atividades sociais que usam a escrita, com o uso mais intenso das novas tecnologias, informações trazidas à sala de aula pelas crianças, complexos usos de linguagem, isto é, tornar a prática pedagógica mais colaborativa trazendo conceitos como diversidade da linguagem e favorecendo a utilização dos multiletramentos de forma efetiva e crítica.

A leitura literária, numa proposta de letramento, tem a função de ajudar o aluno e o professor, tornando a literatura algo interessante, ligado à prática que realmente faça sentido para o educando. Nessa sequência, o letramento não se restringe à aquisição de leitura e da escrita, mas envolve a utilização dessas aprendizagens no contexto social. Não basta aprender a ler e escrever, deve se utilizar esse aprendizado para viver em sociedade.

Percebe-se também que a forma como se configura o tratamento da leitura literária advém da própria razão de ser do paradigma tradicional, segundo o qual a escola ainda é centrada na figura do professor e na transmissão de conteúdos. Conforme demonstrado por

Freire (2001), é uma educação “bancária”, em que o professor apenas transmite o conteúdo, não existe diálogo entre professor e aluno.

É necessário que haja uma transformação para quebrar paradigmas no cenário educacional, instruindo uma nova e motivada perspectiva de conhecimentos e práticas educativas, pois, como afirma Moraes (1997, p. 83), “existem vários problemas que precisam ser vencidos na educação, como decisões políticas, procedimentos e metodologias inadequadas de planejamento educacional”. Portanto, o letramento literário e o desfrute advindo da leitura do texto deve ser o foco principal na formação de leitores de literatura no ensino fundamental. Isso significa que o tratamento dado ao texto literário, no contexto escolar, deve incentivar e desenvolver formas de apreensão do estético através das vias sensoriais, afetivas, imaginativas, alargando a capacidade de percepção do leitor.

Da mesma forma é importante considerar o advento da cibercultura e da cultura digital que alimentou uma necessidade de produção, consumo e disseminação do conhecimento. De maneira que não é mais suficiente conceituar apenas letramento, pois as práticas de leitura e escrita mudaram em virtude da virtualização.

O letramento digital está dentro do letramento mais amplo, não linearmente, mas em uma rede de possibilidades. Ele pode começar no impresso e partir para os meios digitais, uma vez que muitas ações se assemelham nesses ambientes; ou fazer o trajeto no sentido contrário. O importante é compreender que a relação entre os dispositivos para a comunicação foi recentemente reconfigurada. Conseqüentemente as possibilidades e as exigências do letramento, também. (Ribeiro, 2012, p. 45).

Portanto, as crianças da era das mídias digitais exercem práticas de leituras também na tela, requerendo novas e diferentes habilidades nas práticas não só de leitura, mas também de produção no ciberespaço, como é o caso dos clipes, trailer de filmes e os livros-clipes, hoje muito bem disseminados na internet. Através desses meios, consegue-se ligar a literatura da composição verbal associando a cibercultura, de modo que a literatura ganha novas possibilidades de existência e as crianças podem navegar em um oceano de conexões possíveis muito mais rico, mais dinâmico e atraente.

Formação do Leitor Literário em Tempos de Cultura Digital

O fato da existência de mudanças significativas na sociedade advindas do avanço das tecnologias demanda novas competências para interagir com o conhecimento, pois não há como negar que a internet tem provocado mudanças nos hábitos de leituras de crianças e adolescentes. O imediatismo da realidade fez com que os leitores de hoje leiam mais através de imagens e sons que no silêncio de um livro com letras em preto e por meio da imaginação.

Diante deste contexto é que o professor deverá buscar novas metodologias de ensino aliadas às ferramentas tecnológicas, cujas riquezas imagéticas potencializem a formação das habilidades leitoras. Santaella (2004) reflete que na cultura digital a forma de ler se diversificou, e os usuários de hipermídia utilizam habilidades distintas daquele que lê um texto impresso. Miranda (2009), neste mesmo sentido, acrescenta que:

Este novo leitor, que nasceu na era virtual, não aceita uma recepção passiva e não entende a leitura como uma atividade isolada. [Este novo leitor], [...] apresenta-se muito mais independente, selecionando não só o seu cânon particular como estabelecendo novas regras para a recepção/percepção da obra literária, incluindo estratégias de leitura produtiva e criativa através dos mais

diversos recursos tecnológicos disponíveis no ciberespaço. (Miranda, 2009, p.1).

De acordo com (Perrotti, 2010, p. 19) “a internet é um veículo privilegiado de histórias. Quando falamos de leituras hoje, não me parece mais possível deixar de pensar nisso”. Assim, os professores devem utilizar as mídias digitais para diferenciar as diversas formas de ler e explorar a literatura, de modo que o leitor é convidado a escolher o caminho que irá seguir através de um processo interativo com sons, imagens em movimento e várias possibilidades de relação com outras histórias.

É importante ressaltar que neste cenário, é necessário que a escola acompanhe essas mudanças, pois as mídias digitais podem influenciar na formação do leitor literário, se forem usadas de maneira apropriada e com planejamento didático, o que é defendido por Staa (2011, p. 46), quando diz que “a tecnologia na escola não é brinquedo, não precisa ser usado o tempo todo, nem estar a serviço da pressa dos alunos, mas permite trabalhos extremamente interessantes de desenvolvimento das crianças que não seria possível sem ela”.

Sem dúvidas que a ligação dessas questões traz para a formação de leitor literário novos desafios, pois já não basta apenas explorar a leitura do livro impresso, é preciso que escola e professores desenvolvam competências para usar as tecnologias digitais com proficiência, consolidando a leitura como atividade prazerosa, de forma lúdica, interativa e atrelada às inovações tecnológicas.

As produções em meios digitais possibilitam ao leitor explorar aspectos de hipertextualidade, interatividade e hipermediático, já nas atividades literárias o leitor pode trilhar pelos caminhos das várias linguagens: verbal, visual, sonora, artística e cinética. Pois como sinaliza, Chartier (1998).

O fluxo sequencial do texto na tela, a continuidade que lhe é dada, o fato de que suas fronteiras não são mais tão radicalmente visíveis, como livro que encerra, no interior de sua encadernação ou de sua capa, o texto que ele carrega, a possibilidade para o leitor de embaralhar, de entrecruzar, de reunir textos que são inscritos na mesma memória eletrônica: todos esses traços indicam que a revolução do livro eletrônico é uma revolução nas estruturas do suporte material do escrito assim como nas maneiras de ler. (Chartier, 1998, p. 13).

Na construção do perfil desse leitor que demanda em tempos de ciberespaço, Santaella (2004, p. 24) apresenta três categorias e define como: leitor contemplativo, movente e imersivo. Leitor contemplativo, “em contato com objetos e signos duráveis, imóveis, localizáveis, manuseáveis” a exemplo do livro impresso; leitor movente, “que navega entre nós e conexões não lineares pelas estruturas líquidas dos espaços virtuais”, acostumado aos hipertextos e *hyperlinks*; e leitor imersivo, próprio do ciberespaço e da cultura digital, que é

Obrigatoriamente mais livre na medida em que, sem a liberdade de escolha entre nexos e sem a iniciativa de busca de direções e rotas, a leitura imersiva não se realiza. [...] navega através dos dados informacionais híbridos que são próprios da hipermídia. (Santaella, 2004, p. 33).

Portanto, é importante compreender e perceber tais estágios de leitura, os quais são vivenciados desde a cultura impressa até os tempos que estamos vivendo, tempos de cultura

digital. Nesse sentido, não é mais permitido trabalhar literatura contemplando apenas o leitor contemplativo, requer-se articulação pedagógica para se trabalhar com a literatura do livro impresso aos dispositivos digitais.

Novos Leitores, Novos Modos de Ler

Com as mudanças inseridas no contexto tecnológico surgiram vários modelos de materiais que se prestam à leitura, como também vários modos de ler, divulgados entre o meio virtual e impresso, o leitor contemporâneo percorre de uma linguagem a outra e tem acesso a recursos destes dois mundos. À vista disso, o leitor precisa ter habilidades para interagir de forma adequada com estes materiais de leitura e capacidade de construir sentidos para as várias linguagens com que se relaciona diariamente.

Face a esta realidade, as possibilidades de letramentos das crianças se ampliam, pois, a leitura não se resume mais ao reconhecimento da linguagem verbal, uma vez que surge uma nova demanda por habilidades em que os alunos podem compreender os novos modos de construção de sentidos. Surge então um novo perfil de leitor que precisa ter capacidade para intervir com as novas produções e instituir relações entre diversas linguagens.

Com a leitura literária, de forma especial, através das multimídias pode-se ampliar mais ainda as exigências em torno do leitor, pois é necessário agregar significado ao que se está lendo enquanto sujeito participativo, estabelecendo também sentidos para diferentes mídias que se concretizam concomitantemente, incluindo a linguagem visual, sonora, verbal e computacional.

Ao ler um livro de papel, o leitor poderá ficar limitado pela dimensão física do suporte do texto que é manuseado, diferentemente do que acontece com a leitura do texto em suportes tecnológicos, onde o leitor pode extrapolar o que foi previamente visto, já que as possibilidades de informação no ciberespaço são praticamente ilimitadas e inesgotáveis.

Um estudo de Santaella (2004) apresenta uma tipologia de leitores de acordo com os diversos comportamentos que eles podem assumir em cada situação de leitura, sendo eles:

a) Leitor contemplativo, meditativo: é um leitor que contempla, observa e medita, tendo diante de si objetos e signos duráveis, imóveis, localizáveis, manuseáveis (livros, pinturas, gravuras, mapas, partituras).

b) Leitor movente, fragmentado: é o leitor que se desenvolve a partir do advento da televisão, aprendendo a transitar entre linguagens, passando dos objetos aos signos, da imagem ao verbo, do som para a imagem com familiaridade imperceptível.

c) Leitor imersivo, virtual: é um leitor em estado de prontidão, conectando-se entre nós e nexos, num roteiro multilinear, multisequencial e labiríntico que ele próprio ajudou a construir ao interagir com os nós entre palavras, imagens, documentação, música, vídeo etc.

A partir dessas definições é possível perceber que em um mesmo sujeito existem perfis diferentes de leitor e que entram em ação simultaneamente, que nos ajudam a entender como a formação do leitor literário pode ser potencializada pelos usos dos dispositivos digitais móveis. É possível perceber que as crianças e adolescentes dessa era absorvem com muito mais precisão os tipos fragmentado e virtual. Tais tipos de leitores colocam-se como um desafio diário de professores em sala de aula.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As crianças e jovens pertencentes à era das mídias digitais acessam a internet e encontram uma infinidade de caminhos para a aquisição de informação desde muito cedo. Elas desenvolvem competências e comportamentos muitas vezes diferentes dos sujeitos que

nasceram em décadas anteriores, por isso o uso exclusivo do livro deixa de ser uma situação didática atraente, vez que, imersos na era digital, interagem com a máquina, trilham caminhos e escolhem seus *links*.

Nessa direção, a leitura em sala de aula não pode se consolidar como uma atividade realizada por obrigação, de maneira a se assemelhar a uma rotina de trabalho, devendo, portanto, ser exercida de forma lúdica, prazerosa, significativa, instigante, dinâmica, interativa e atrelada às inovações tecnológicas. Pois a imposição do livro didático e das leituras prontas, idealizadas pelo professor, sufoca a descoberta da leitura por prazer.

No entanto, o que se observou como prática pedagógica de alguns professores é a adoção de uma metodologia que não leva em consideração essa nova realidade e direciona, portanto, as ações de leitura literária para um universo, embora rico de informações e conhecimentos importantes, porém descontextualizado e baseado em fórmulas do tipo “decoreba” ou exercícios de prontidão.

Ao término destas discussões, é necessário dizer que muitos professores reconhecem a urgência de se apropriarem desta nova realidade midiática, na qual os alunos, em sua grande maioria, estão conectados à internet. Muitos professores entendem que a leitura no ciberespaço não pode ser desconsiderada, pelo contrário, deve ser valorizada, e utilizada continuamente, já que permite ao educador criar e recriar seu fazer, tornando-se capaz de aliar o uso dos instrumentos virtuais à sua prática pedagógica.

Um rico instrumento que pode vir a facilitar a imersão dos alunos no mundo da literatura, inclusive de clássicos tanto da literatura brasileira como da literatura mundial, é o livro-clipe. Vale dizer que o *livroclip* é um formato digital de livro que traz enredo, imagens e musicalidade, ou seja é um formato digital cuja moldura trabalha com um grande apelo visual, fazendo com que a leitura se torne atrativa, interativa e animada, apresentando, assim, as características essenciais para a aceitação de crianças e jovens desta era de mídias digitais.

Enfim, conclui-se que as práticas de leitura literária no advento da cibercultura, a qual concebe as tecnologias digitais móveis como produção cultural, abre novas possibilidades aos professores no ensino da leitura e tentativa de despertar leitores literários. É preciso entender que a missão não está perdida, pelo contrário: há um leque de possibilidades abertas pelas mídias: o que falta é sabermos usufruir delas como aliadas. Sendo assim, literatura e tecnologia pode potencializar a capacidade de estabelecer novos comportamentos, novos leitores, novas leituras e modos de ler.

REFERÊNCIAS

- CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. São Paulo: Unesp/Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 1998.
- COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2014.
- DEBUS, Eliane Santana Dias e SILVA, Erika. **A Literatura Infantil em diálogo com as Mídias Digitais: Análise do Site Educativo O Pequeno Leitor**. Texto Digital, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil, v. 12, n. 2, p. 161-184, jul./dez. 2016. ISSN: 1807-9288.
- FERREIRA, S. L.; LIMA, M. F. M.; PRETTO, N.L. **Mídias digitais e educação: tudo ao mesmo tempo agora o tempo todo**. In: BARBOSA FILHO, André; CASTRO, Cosette; TOME, Takashi. (Orgs.). **Mídias digitais: convergência tecnológica e inclusão social**. São Paulo: Paulinas, 2005, p. 225-255.
- FERREIRA, Aparecida de Jesus; ORLANDO, Andreia Fernanda. **Do Letramento aos Multiletramentos: Contribuições à Formação de Professores(as) com vistas à questão**

- identitária.** _____ Disponível em: e-
revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/download/8360/6302. Acessado em 28 de outubro de 2018.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam.** 51. ed. São Paulo: Cortez, 2001. (Coleção questões da nossa época; v. 22).
- KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia – estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno.** Bauru (SP): EDUSC, 2001.
- KLEIMAN, A. B. (Org.). **Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita.** Campinas (SP): Mercado das Letras, 1995.
- LOPES, Francisca Rodrigues. **A infância na era das mídias digitais: consumo e cultura.** Anais da II Anped Norte, Rio Branco, AC, 2018. <http://regionais.anped.org.br/norte2018/>
- MANOVICH, Lev. **The language of new media.** Cambridge: The MIT Press, 2001.
- MIRANDA, Fabiana Mões. Fandom: um novo sistema literário digital. **Revista digital Hipertextos**, n. 3, 2009. Disponível em: <https://www.digitalartarchive.at/.../88_Fabiana-Moes-MIRANDA.pdf>. Acesso em: 08 mar. 2018.
- MORAES, Maria Cândida. **O paradigma educacional emergente.** Campinas (SP): Papirus, 1997.
- MORAN, José Manuel, MASETTO, Marcos; BEHRENS, Marilda. **Novas tecnologias e mediação pedagógica.** 10. ed. São Paulo: Papirus, 2006.
- PERROTTI, E. **Um espaço de liberdade, imaginação e aventuras.** Pátio Educação Infantil. n. 24. Porto Alegre: Artmed, jul./set. 2010.
- RIBEIRO, Ana Elisa. **Novas tecnologias para ler e escrever: algumas ideias sobre ambientes e ferramentas digitais na sala de aula.** Belo Horizonte: RHJ, 2012.
- SANTAELLA, Lucia. **Navegar no ciberespaço: o perfil cognitivo do leitor imersivo.** São Paulo: Paulus, 2004.
- SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros.** 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.
- STAA, Betina. **Aproveitando a tecnologia para promover o desenvolvimento das crianças.** Revista Pátio Educação Infantil, ano IX, n. 28. Artmed Editora S.A. Julho/setembro 2011.